



Aracy gravou mais de 400 músicas de composições como Ary Barroso, Fernando Lobo, Antônio Maria e principalmente Noel Rosa, que compôs para ela Pálpito Inebriado e O X do Problema

A cantora e jurada de TV Aracy de Almeida morreu às 16h40 de ontem no Hospital Intermaia há 13 dias por conta da Prevalência Social. Antes disso, ela passou duas semanas em coma em outro hospital caroca. Além de diabética, Aracy, aos 73 anos, havia sofrido um derrame. O atestado de óbito deu como causa da morte embolia pulmonar. Até o início da noite o corpo da cantora estava no apartamento do hospital e ainda não havia sido escolhido o local de sepultamento.

"Mais do que uma cantora, a música popular brasileira perdeu um estilo", reagu o compositor Herivelto Martins quando soube da morte da amiga. Eles gravaram juntos, no final da década dos 30, tantas músicas que nem o próprio Herivelto lembra os nomes. Mas observa que desde aquele tempo ela já se fazia notar pela maneira peculiar de viver. Uma maneira, um estilo que as novas gerações começaram através dos programas de televisão.

Baixinha, cabelos pintados de preto, óculos escuros, Aracy de Almeida — "A primeira dama da central do Brasil", como a batizou Chacrinha — se distinguiu dos jurados de programas de auditórios pelos comentários secos, geralmente defrutivos e carregados de gírias. Era o terror dos calouros, mas todos, geralmente, apreciavam sua honestidade e virulência. A televisão era o grande hobby de Aracy desde a década dos 60, quando se aposentou e parou de cantar e fazer shows. Diz-se que gostava de ser humorista, não de cantar.

Mas foi exatamente como intérprete que nas décadas dos 30, 40 e 50 ela ficou conhecida como a "Rainha do Samba", ou "A Primeira Dama do Rádio". Aracy foi a voz que Noel Rosa encontrou para sua poesia urbana e marginal. O grande compositor de Vila Isabel conheceu Aracy perto dos 24 anos, quando ela se apresentava na Rádio Educadora do Brasil com a chance de pianista Custódio Mesquita. Noel encontrou-se com a voz anasalada da nemina e imediatamente compôs para ela. *Sou Riso de Criança que Me Enganou*. Aracy foi encamiada por Noel ao mundo da boemia da antiga Lapa e Central do Brasil, ao lado de cervejas e malandros famosos. Quando se apaixonava por alguém, Noel levava Aracy para cantar seus sambas à janelada da anada. Na época, reinava Carmen Miranda, a quem os compositores La Martinhe Babo e Assis Valente entregavam suas músicas.

Sempre usava calças compridas para ocultar as botas ortopédicas para os pés chatos. Nunca se casou, gostava de residir em hotéis "para não ter trabalho com a casa", e tinha como únicos amigos três cachorros e um papagaio barulhento. Um motorista da TVS a levava para sua residência depois dos programas de televisão. Sempre divertida, com lembranças cristianíssimas sobre a época de ouro dos primeiros anos da MPB e dizendo palavrões ("eu me acostumei com alguns bem bonitos"), Aracy foi muito quando alguém insistia em um romance seu com Noel Rosa. "Eu não era bonita, tinha bofes azedados, só falava gíria. Ele se apaixonou de mim porque eu era gata e boema como ele. Noel só gostava de mulata grandona", diz.

Foram cinco anos de intensa relação entre o poeta e sua cantora. Um dia, ela foi chamada para participar do filme *Alô, Alô Carnaval* e não tinha nenhuma música para cantar. "Passei no bilhar do Cate Tramon, que o Noel frequentava, e ele compôs na hora para mim *Palpite Infeliz*. Outra vez, queria uma música para gravar, e Noel entregou-me na hora, escrita num pedaço de cigarros *Odídica*, a letra de *O X do Problema*. Antes de Noel morrer, em 1937, Aracy foi visitar o poeta, acamado. Ele passou-lhe uma música pronta, inclusive com as partes do piano já escritas na partitura: *O Último Desejo* foi um dos sambas gravados por Aracy de maior sucesso no Brasil.

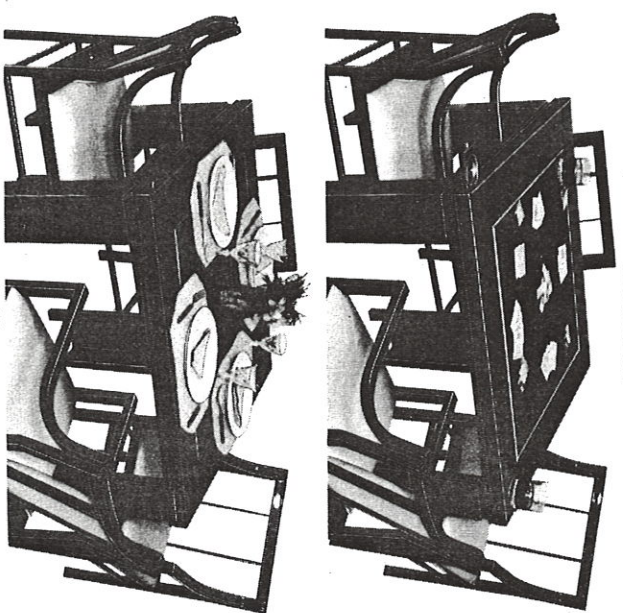
Antes de se afastar da música, ela reclamava da péssima fase da criação brasileira: "A música brasileira perdeu o ritmo e adquiriu lentidão. O samba precisa tomar uma injeção e voltar a ser a música viva que era no passado". Segundo ela, cantar Noel Rosa sempre exigiu muito de seus sentimentos: "Os sambas de hoje, breves, curtos, pouco exigem do cantor. Os de Noel exigiam do artista um vigor físico e emocional tremendo, porque, no fundo, a gente se identificava com eles".

Aracy considerava Silvio Caldas o maior cantor do Brasil — e era fã de Paulinho da Viola, Chico Buarque e Caetano Veloso, seu amigo, que em 1969 lhe dedicou um samba. Nos anos 70, ela se apresentou no *Projeto Ritmizante* e em alguns boates carocas e paulistas *Mia* e em alguns shows de homenagem a Noel Rosa. Foi a última vez que pisou o palco.

## Vá à Dillard's e vire a mesa.

De um lado é uma mesa de jogo. Do outro, mesa de jantar. Assim é Mônaco, mesa de 1,00 x 1,00 x 0,78m, toda em tábua, com acabamento em poliéster e suporte móvel, na lateral, para cinzeiro ou copo. Mesa Mônaco. Basta virar, a classe é a mesma.

Oferta Dillard's:  
Mesa  
Cz \$ 112.750,  
Poltrona  
Cz \$ 52.750,  
(cada)  
Válido até 25/6/88



Sinta-se

**Dillard's**

É diferente.

Augusta - Center Norte - Iguatemi - Marumby

Conheça as vantagens do seu exclusivo Cartão de Crédito Dillard's.

\* Querem ver o de  
\* Sobre o trabalho  
\* Curso da universi  
\* Promover produção  
\* Fuzada de progresso  
\* Na década de 60  
\* Na década de 30/40  
\* Bom dia  
\* Bom dia



# CADERNO 2

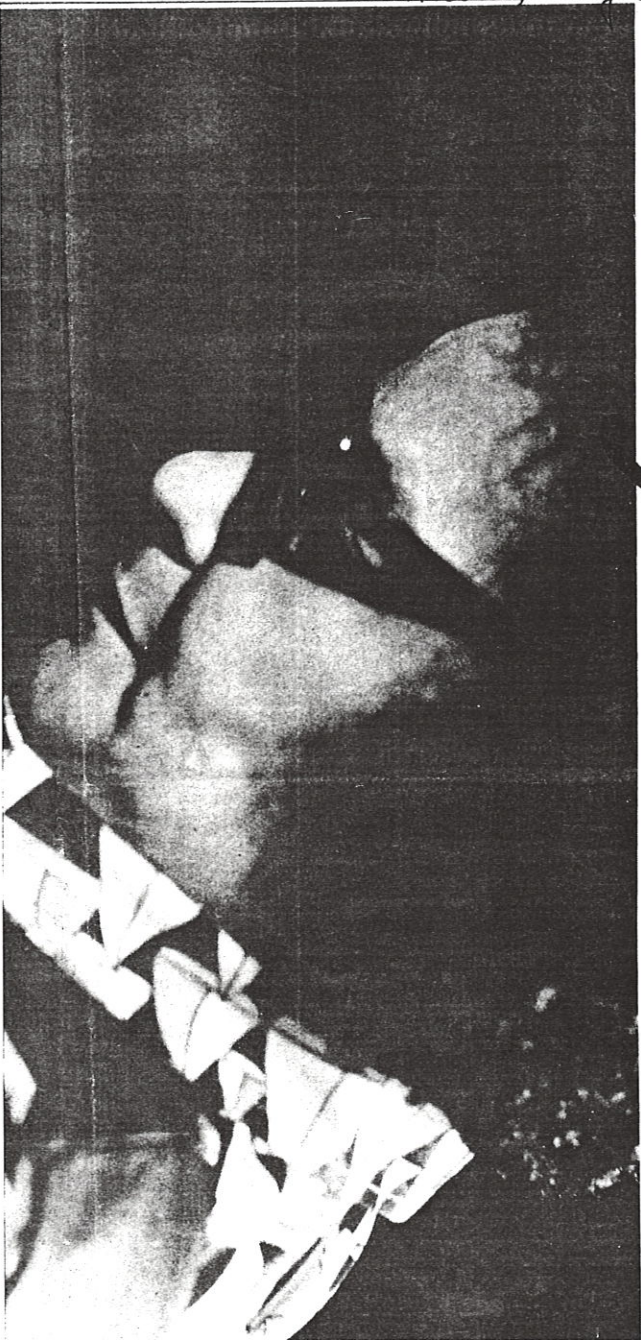
O ESTADO DE S. PAULO

ANO III, NÚMERO 682 TERÇA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 1988

★ 1915 ● 1988

# Arcy de Almeida

Almeida, Arcy de





do em 1955 por um estranho Louis Cyphre (Robert de Niro) para descobrir o paradeiro de Johnny Favorite, com quem terja uma dívida não-resolvida, transcorre no livro como no filme, sem prejuízo ao suspense, mas também sem acréscimo. Entre os romances, talvez o melhor lançamento seja mesmo *A Rebelião de Milagro*, uma densa narrativa de John Nichols sobre o embate entre os pequenos agricultores de descendência hispânica, num vilarejo do Novo México, contra os anglo-saxões que os exploram sob o argumento de estarem trazendo progresso e civilização. O filme de Redford está sendo considerado tímido pela crítica. De qualquer modo, tem o mérito de valorizar uma parcela esquecida da cultura americana e colocar Nichols em evidência, sem dúvida um grande escritor.



Christian Bale, em "Império do Sol"

O leitor, no entanto, deve evitar livros como *Querem me Enlouquecer*, de Claudia Reilly (Bertrand Brasil, 190 páginas, Cz\$ 1.585,00), e *A Missão*, de Robert Bolt (Best Seller, 280 páginas, Cz\$ 1.800,00). Ambos beiram o oportunismo. Bolt, roteirista do filme estrelado por Robert de Niro, apenas inchou o argumento original sem acrescentar qualquer densidade à trajetória do espanhol caçador de índios guaranis na América do Sul, durante o século XVII. Claudia Reilly, ainda menos confiável, chega ao ponto de tornar romance o que não passa de uma descrição superficial do drama já contado no filme, protagonizado por Barbra Streisand, por sua vez baseado numa peça de Tom Topor. A história de uma criminosa que tenta provar não estar louca. No saldo final, entre embustes e livros de boa qualidade, o resultado é positivo. Na maioria dos casos vale a pena correr a uma livraria, depois do filme, e gastar um pouco mais para conhecer o texto no original.

**Luís André do Prado,**  
com Vivaldo de Sousa ▲



Aracy: adeus à melhor intérprete de Noel Rosa

## Último brilho da estrela

Para as gerações mais novas, ela era apenas aquela jurada com um jeitão malandro do programa de calouros levado ao ar aos domingos pelo apresentador Silvio Santos. Mas, nos tempos de glória do rádio, Aracy de Almeida foi uma grande estrela reconhecida com carinho pelo público como "O Samba em Pessoa". Mas um título ela manteve, imbatível até a morte: o de maior intérprete de Noel Rosa. Uma glória que sempre será sua. Na última segunda-feira, 20, às 16h30m, Aracy não resistiu à doença contra a qual vinha lutando há mais de sessenta dias. Morreu, aos 73 anos, no Hospital dos Servidores Públicos, no Rio, vítima de embolia pulmonar.

Em abril, já havia permanecido durante duas semanas em coma, consequência de um derrame cerebral. Ela morre cinquenta anos depois de Noel, com 73 anos, e ainda lembrada com carinho pelo público. O sepultamento ocorreu no Cemitério Parque Jardim da Saudade, em Vila Isabel, o bairro que ela tanto cantou pelos versos de Noel. "Mais do que uma cantora, a música brasileira perdeu um estilo", comentou durante o velório o compositor e amigo Herivelto Martins.

Nas décadas de 30, 40 e 50, Aracy foi estrela da Rádio Nacional, no Rio, e depois da Rádio Record, de São Paulo. Começou cantando música sacra na Igreja Batista do bairro carioca do Méier e, influenciada por Carmen Miranda, aproximou-se do samba. "Não descobri minha vocação para cantora;

na verdade comecei a cantar por necessidade. Era uma menina pilantra, safada, que não queria estudar e não sabia fazer nada. Daí, só mesmo sendo cantora", contava Aracy com humor. Seu sucesso se deu após o encontro com Noel na Rádio Educadora do Brasil. "Não sei o que seria de mim se não tivesse cantado as músicas de Noel", reconhecia ela. *Seu Riso de Criança Que Me Enganou* foi a primeira composição que Noel dedicou a Aracy. Antes de morrer, aos 27 anos, ele ainda compôs *O Último Desejo* especialmente para ela.

**BOM HUMOR** — Em mais de cinquenta anos de carreira, Aracy gravou por volta de quatrocentas músicas, principalmente sambas. Integrante de um grupo boêmio que percorria a noite carioca nos anos 30, foi numa mesa do bar Bola Preta que recebeu de Ari Barroso o clássico *Camisa Amarela*. Foi também durante essas noites que a cantora aprendeu a linguagem do povo, as gírias e o bom humor. A linguagem da "Rainha do Balacobaco", como também era conhecida, estava identificada com o jeito simples e direto do povo. Sempre divertida, Aracy dizia que nunca se casou porque "nunca parei para pensar no assunto". Afastada definitivamente do meio musical desde 1981, mesmo assim deixou sua crítica: "A música brasileira perdeu o ritmo e adquiriu a lentidão. O samba precisa tomar uma injeção e voltar a ser a música viva que era no passado". Em sua casa, no subúrbio carioca do Encantado, onde permaneceu doente desde o início do ano, suas únicas companhias eram três cachorros e um papagaio. Ao seu velório, no Teatro João Caetano, no Rio, porém, compareceram mais de 20 mil pessoas. Foi o último brilho da estrela. ▲

... maior intérprete de Noel Rosa

... morreu aos 73 anos no dia 20 de junho de 1988, vítima de embolia pulmonar











Almeida, Araci de



A cantora Araci de Almeida, que morreu ontem de embolia pulmonar, aos 73 anos, no Rio de Janeiro

# Tudo, menos 'uma moça de família'

**RUY CASTRO**  
Especial para o FOLHA

Se Araci de Almeida tivesse sido uma cantora popular americana, as gavetas das lojas de discos estariam hoje abarrotadas com seus discos. As antigas matrizes em 78 rpm já teriam sido repassadas para elepê; mesmo depois de velha, ela teria sido convidada a registrar os seus sucessos; no mínimo um show em teatro ou um especial de televisão a teriam reunido com sua turma, e o resultado disso estaria disponível em disco ou vídeo; uma bela biografia já teria sido escrita a seu respeito.

Em vez disso, não há registro disponível de Araci de Almeida na praça. Seu último disco, gravado ao vivo num show na boate carioca Zum-Zum, com Sérgio Porto e Billy Blanco, é de 1965 e já desapareceu até dos seus. Algumas faixas esparças, feitas num passado pre-diluiriano, são encontradas em discos dedicados a Noel Rosa. Tudo uma carreira ou dispersa. Araci corre o risco de passar a história como a "juçada" rabugenta da manada de São Santos.

A esmagadora maioria dos reporteres que a procurou nestes anos de semi-aposentadoria (quem disse que ela tinha dinheiro para se aposentar?) usou-a apenas como um material de informações sobre Noel — eu inclusive, que a visitei, em maio de 1967, no 30º aniversário da morte do compositor. Araci morava no subúrbio carioca do Encantado, numa casa que podia ser tudo, menos a de uma velha estrela, com meia dúzia de cães horrorosos. Quase um paridiero. Burramente, não me lembrei de perguntar-lhe nada a seu respeito. Ela própria é que, às vezes, se incluía na história de Noel, quase que como licença para existir também. Acho que dávamos de barato Araci de Almeida, esquecendo que ela era uma das últimas remanescentes do que se convencionou chamar da "malandragem" e da boemia do Rio de Janeiro na década de 30. O que Aracy devia ter para contar poderia encher um livro.

so", e, principalmente, "Último Desejo", que ela teria ouvido do sambista quase no leito de morte. Primazias semelhantes eram alegadas por sua arqu-rival, Marília Baptista, num feudo que parecia tão difícil de resolver que até os especialistas, como Lúcio Rangel ou Sérgio Cabral, entregaram os pontos — era da uma cantava uma história diferente e as possíveis testemunhas já haviam morrido ou sumido. O espectralíssimo livro "Noel Rosa. Uma Biografia", de João Máximo e Carolina, a ser lançado este ano, deveria fazer renascer uma Araci de Almeida que poucos conhecem.

Talvez então se valorize mais a jovem cantora suburbana que se sentia em casa nos piores botecos da Lapa, impunha respeito aos valentões, jogava sinuca mascando um charuto e nunca escondia suas preferências sexuais — tudo isto numa época em que "moça de família" não tocava violão.

Araci de Almeida, felizmente, não era uma "moça de família".

RUY CASTRO, 40, é jornalista.

## "Comecei a cantar por necessidade"

"Esse negócio de dizer que sou especialista em palavrão, pode crer, não é certo. Gosto é de giria, apesar de reconhecer que existem palavras lindas."

"Tenho milhões de amigos. Gosto também de cachorro, por isso tenho cinco. Ah! Adoro a madrugada, violão, gente jovem, barulho."

"Não descobri a minha vocação para cantora, não; comecei a cantar por necessidade. Era uma menina plantar, salada, que não queria estudar e não sabia fazer nada. Daí, só mesmo sendo cantora."

"Não casei nunca porque nunca parei para pensar no assunto. E depois, já pensou quem me aguentaria?"

"A juventude de agora é bem melhor que a do passado. Está mais por dentro do que acontece, sabe distinguir o que é bom ou não."

"Para dizer a verdade, acho que Noel gostou de mim por me ver tão mal vestida e bem pobre. Ele adorava gente do subúrbio, era solidário com os humildes. Acho que sentiu minha dificuldade e resolveu me ajudar."

"Noel só gostava de mulata e de mulher grande e bonita. Eu nunca fui bonita e aquela época pesava menos de 40 quilos. Não era o tipo que ele gostava."

"Até certo ponto, acho que Noel me explorava, pois com sua voz fraguinha não podia quase cantar. E me levava para todo canto como se fosse sua ajudante. Dizia sempre: 'Agora, Araci, canta aquele sambá'."

"Não sei o que seria de mim se não tivesse cantado as músicas de Noel. Eu gostava de cantar, mas precisava de letra e música para aparecer. E Noel me deu tudo isso. Quando ele ficou doente, sempre estive ao seu lado. 'Último Desejo' foi a última música que ele me deu. Nesse dia perdi um pouco de minha vida."



Em 1953, a cantora aparece entre Fernando Lobo (esq.) e Almirante Sérgio Cabral.

Sérgio Cabral, "Araci foi uma das grandes cantoras brasileiras. U interpretção feno sobretudo uma personalidade muito inteligente, excelente compo. Lembro-me de um estavamos ela, e algumas outras per Hotel Normandy, quando apareceu dando bilhas. Ela uma rodada de bil comprou uma par Os programas de ela participava f que ela teve quan estava ruim par tempo dela."

José Lino Grunew cal: "Araci foi i cantoras brasilei como interprete naquelas gravatô Mas não é só isso, foi a última música que ele me deu. Nesse dia perdi um pouco de minha vida."

Era uma mulher como aqueles p loto de que pa defendendo o lado música popular. cantora, Marília or a Araci. Mas que ela foi uma com uma voz di muito peculiar, muito bem ao san

Mário Bressane, c Almeida era um mais divulgou e f ca de Noel Rosa fundamental num de 30) — na boate que ela (a musicis não lembrada, re fundindo-a. No in ra com muito cha muito bonita, de na boate Vogne responsável pala das composições então passou a al São Paulo, onde c 12 anos.

Além de shows e trabalhou muito mente como jurad novembro de 81, Grande Oleo tra Cultura de São P ganho mais dinhe que como cantora.

Araci de Almeida morreu ontem de embolia pulmonar, aos 73 anos, no Rio de Janeiro. Ela nasceu em 1924, em São Paulo, e foi cantora profissional a partir dos anos 50. Ela foi casada com o compositor Sérgio Cabral e teve cinco filhos. Ela morreu em um hospital em São Paulo, onde estava internada há alguns dias. Ela deixou um legado de músicas e uma carreira que, apesar de não ter sido tão comercial quanto a de algumas outras cantoras da época, foi muito importante para a música brasileira. Ela foi uma das últimas remanescentes da boemia do Rio de Janeiro na década de 30. Ela foi uma das últimas remanescentes da boemia do Rio de Janeiro na década de 30. Ela foi uma das últimas remanescentes da boemia do Rio de Janeiro na década de 30.







# ARACY DE ALMEIDA

## Carnaval já não atrai 'Musa de Noel'

MAURO CÉZAR PEREIRA

O carnaval está chegando, mas Aracy de Almeida, a "Musa de Noel Rosa", já não se anima mais com a festa da qual sempre participou como um dos maiores destaques. Desiludida com os rumos tomados pelos festejos de Momo, hoje ela não vive mais a expectativa de antigamente, quando meses antes já eram cantadas nas ruas e nas rádios os sambas e marchas que fariam sucesso nos bailes. Aracy sente saudades da animação nas ruas da cidade e, especialmente, do seu bairro, o Encantado. Talvez por isso, devido às suas constantes viagens à São Paulo,

atualmente se considera mais paulista que carioca.

— Pode parecer coisa de velho, de saudosista, mas é verdade. Me lembro bem da época em que aprendi o samba nas ruas do Encantado. Eu andava muito pela Rua Guilhermeina e sempre acompanhava as novidades que surgiam. O carnaval era mais pobre e também mais autêntico. As pessoas brincavam realmente e não existia esse negócio de tóxicos que a gente vê hoje em dia — recorda.

Atualmente, Aracy de Almeida só acompanha parte da festa, mesmo assim a distância. Para ela, as escolas de samba já não

têm muitos sambistas autênticos e "o carnaval virou uma guerra":

— O jogo de interesses é muito grande. Este ano vai ser fogo. Tem muita gente que só aparece na hora de desfilar e pronto. Não são aqueles sambistas que acompanhavam a preparação, as dificuldades das escolas. A Beth Carvalho é uma das poucas que desfilam, cantam e vivem o dia-a-dia. Eu só vejo mesmo as escolas de samba, mesmo assim pela televisão. Não tenho mais condições de ficar indo atrás. Já desfilei pelo Salgueiro e pela Mangueira, mas sou mesmo é mangueirense, até debaixo d'água.



No Encantado, cantora recorda os tempos em que era destaque nas festas da cidade

'Do passado, eu ainda tenho o que recordar. Mas do presente, não tenho nada'



Aracy teve oportunidade de gravar inúmeros sucessos

Aracy se empolga quando recorda a antiga Vila Isabel, os carnavais de rua, a divulgação que os próprios sambistas faziam dos pré-carnavalescos e as batalhas de confetes na Rua Zulmira.

— Era demais. Eu, Noel, Chico Alves, Almirante e Silvio Caldas saíamos em carro aberto. O Silvio e eu brigávamos muito, mas no final dava tudo certo e as pessoas sambavam quando o caminhão passava fazendo a divulgação dos eventos. Nos tempos da Vila, o carnaval não era tão batucado, o samba era mais samba. Tive oportunidade de gravar grandes sucessos, como "O passo do canguru", "Não me diga adeus", "Apito do trem" e a

"Marchinha da bicharada". Era um tempo bom, não tinha essa bagulhada de hoje em dia — compara.

Aracy é nascida e criada no Encantado e sempre morou na mesma casa da Rua Al-

foi possível viver em paz. Hoje, as ruas são aparentemente calmas, mas estão cheias de pilantras. Além disso, esses botequins e padarias não estão com nada. As vezes, não tenho nem onde comprar cigarro. Tal-

vive na ponte-aérea. Na capital paulista, fica sempre no mesmo hotel e recebe inúmeros convites para shows em clubes e casas noturnas. Recentemente, foi chamada para participar de um programa humorístico na TV, mas ainda está estudando a proposta.

Para Aracy, o carnaval do subúrbio acabou. Ela compara o vazio das ruas do Encantado e de outros bairros do Rio com a animação dos tempos em que as pessoas brincavam à vontade pelas ruas e praças:

— Do passado, ainda tenho o que lembrar. Mas do presente, não tenho nada. Sinto muito, mas carnaval mesmo vocês não vão ver nunca mais.

**Antes, não existia a bagulhada de hoje. Eu sinto muito, mas carnaval mesmo você não verá nunca mais**

meida Bastos. Ela adora animais e tem três cadelas e uma arara. Não nega que gosta do bairro, mas reclama que, ao longo de todos esses anos, as mudanças ocorridas foram para pior:

— No Encantado, já

vez seja por isso que hoje eu fico mais em São Paulo do que no Rio. Aliás, de algum tempo pra cá, me sinto mais paulista que carioca.

Há 13 anos participando do "Programa Silvio Santos", Aracy







# Hermínio Belo apresenta a nobre Araci de Almeida

Biografia mostra que a intérprete de Noel Rosa era intelectual e cantora sofisticada

BEATRIZ COELHO SILVA



Com Hermínio, no início dos anos 60

**R**IO — O poeta e produtor cultural Hermínio Belo de Carvalho andou sentindo saudade da cantora Araci de Almeida, uma das principais intérpretes de Noel Rosa e sua grande amiga do fim dos anos 50 até morrer, em 1988. Por isso, escreveu *Araca — A Arquiduquesa do Encantado* (R\$ 20,00), carinhoso perfil que lança hoje, na Livraria Folha Seca, no centro do Rio. A festa comemora também os 69 anos de Hermínio. “Eu me dei este presente porque em 2004 se completam 90 anos de seu nascimento, mas não consegui liberar nas gravadoras músicas para um CD, nem imagens de programas que fiz com ela para um DVD”, conta. “Não é uma biografia porque não sou pesquisador. É um testemunho da sua história por quem ela autorizou a contar.”

A Araci que ele nos mostra é uma sofisticada cantora, que anarquizava as formalidades, mas sabia do valor da música brasileira e seu papel dentro dela. Uma intelectual que lia Schopenhauer e os existencialistas franceses e falava gírias e palavras que poucos tinham coragem de pronunciar. Uma colecionadora de arte moderna brasileira (Di Cavalcanti a presenteava com quadros), mas enchia a casa de quinquilharias e orgulhava-se de produzir enfeites natalinos. “Acima de tudo, era uma amiga carinhosíssima, uma cantora de timbre raro e com inteligência ímpar para escolher e in-



terpretar seu repertório”, declara Hermínio. “Quando ela canta *Fez Bobagem*, de Assis Valente, a gente sente o desespero da mulher traída.”

Araci foi uma cantora e uma personagem à parte. **Nascida em 1914, no Encantado, um bairro quase rural da zona norte carioca, nunca saiu de lá, mesmo quando era ídolo do rádio, entre os anos 30 e 60, a época de ouro da música brasileira.** Lançou clássicos de Noel Rosa (*Palpite Infeliz*, *O X do Problema*, *Fita Amarela*, etc.) e, após a morte dele, mesmo marcada como sua intérprete, gravou versões definitivas de músicas de Ary Barroso (*Camisa Amarela*), Bubaú e Cyro de Souza (*Tenha Pena de Mim*), Haroldo Barbosa (*Não se Aprenda na Escola*) e até Caetano Veloso (*A Voz do Morto*), num tempo em que os baianos homenageavam Paulinho da Viola.

A televisão e a bossa nova restringiram seu campo de trabalho e de outras cantoras de voz grande (a dela era grave, rouca e profunda), interpretação sentida e beleza incomum. Araci nem tentou enquadrar-se, como conta Hermínio. E, mesmo sem fazer média, era adorada pelos ídolos dos anos 60, como Nara Leão, Chico Buarque ou o já citado Paulinho. “O problema é que, para so-

6/ breviver, ela se tornou jurada de programas de calouro e criou a personagem mal-humorada, que funcionava, mas não era ela”, conta Hermínio. “Este livro mostra essa face e, por isso, é tão grave não ter um CD ou um DVD para mostrá-la à juventude de hoje, que gosta de samba, mas não ouviu falar de Araci ou só sabe da jurada de Silvio Santos.”

Hermínio tem razão. **Embora tenha gravado mais de 200 músicas,**

como atesta a discografia do livro, levantada por Paulo César Andrade, há poucos discos dela no mercado. O selo Revivendo lançou algumas gravações em coletâneas nos anos 90 e a Continental editou dois CDs na série *Mestres da Música*, dos quais saiu um terceiro, na coleção *Enciclopédia da Música Brasileira*. Mas não os encontramos facilmente, embora seu repertório seja a base de toda roda de samba e o público, dos 8 aos 80, se cale quando tem a (rara) oportunidade de ouvi-la.

A biografia definitiva de Araci ainda está por vir e Hermínio não vai deixar o pesquisador Sérgio Cabral quieto enquanto tal livro não existir, como conta no prefácio o biógrafo de Nara Leão, Pixinguinha, Elizeth Cardoso e Tom Jobim. Hermínio está envolvido em outros projetos, alguns a longo prazo, como o Instituto Jacob do Bandolim e a Escola Portátil de Música, e outros a curto, como o livro de sua correspondência com o poeta Carlos Drummond de Andrade, a exemplo do que tem as cartas que trocou com o modernista Mário de Andrade. “Eu só tinha as que recebi de Drummond, embora faltem umas poucas, e as que mandei para ele estão na Casa de Ruy Barbosa”, adianta. “Quero também contar histórias paralelas bem interessantes.”

\* Conhecida como uma das principais intérpretes de Noel Rosa

\* Nasceu em 1914, no Encantado, zona norte do RJ.



## Além da doença Aracy de Almeida vive drama

Depois de passar 2 meses e meio internada no hospital da Semeg, no Rio, vitimada por um derrame cerebral que a deixou em coma profunda por 1 mês, Aracy de Almeida, cantora e jurada de *Show de Calouros da TVS*, começou a viver outro drama há 15 dias. Segundo Maria Adelaide da Conceição Pereira (afilhada, secretária e empresária da artista há 28 anos), o Sistema Brasileiro de Televisão parou de dar assistência a Aracy, desde que ela deixou o hospital. O SBT dispensou o neurologista que vinha acompanhando a artista e se recusou a dar uma cama de hospital e uma cadeira de rodas para sua recuperação. A cama e a cadeira de rodas foram conseguidas através do programa da radialista Cidinha Campos.

Na semana passada o Dr. Loredo, médico do SBT, telefonou para o neurologista Eduardo França de Aguiar, que está cuidando de Aracy de Almeida há 3 meses, dizendo que não precisava mais dos seus serviços. - Quer dizer, a doença não está interessando e sim o dinheiro, porque alegaram que o Dr. Eduardo cobrava muito caro - desabafou Adelaide. - Só que ele vai continuar cuidando da minha madrinha de graça, porque ela vem se recuperando bem, já está quase falando, mexe os braços e ele não quer deixá-la. Foi ele quem a assistiu desde o início, até no CTI.

Quando Aracy de Almeida estava internada, Sílvio Santos telefonava todos os dias, por volta das 19 horas, para saber o seu estado.

- Só que de repente isso cessou, quando ela veio para casa. E agora, que o médico achou necessárias

uma cama de hospital e uma cadeira de rodas, para que ela fique só no quarto, eles acharam que nós estávamos pedindo demais - disse Adelaide, que teve de vender parte de suas jóias para custear o tratamento da madrinha.

### SBT desmente

O Sistema Brasileiro de Televisão continua dando assistência Médica à cantora Aracy de Almeida. Quem garante é Sara Benvinda Soares, a Sarita, irmã de Sílvio Santos, responsável pela rede no Rio. Segundo ela, desde o início o tratamento foi todo pago. "Os problemas começaram quando houve a alta do Hospital Santa Helena, em São Paulo, e Aracy foi transferida para o Rio, a pedido de sua afilhada Adelaide".

Sarita afirmou que, já no Rio, Aracy teve que se internar novamente, desta vez na Semeg, conveniada ao SBT. "Houve conflito entre a doente e a equipe médica e Aracy voltou para casa". O neurologista que a tratava, segundo a irmã de Sílvio Santos, pediu demissão da Semeg e propôs ao SBT cuidar exclusivamente da cantora, cobrando Cz\$ 8 mil em dias úteis e Cz\$ 10 mil aos domingos.

"Consideramos a quantia monstruosa, mas não nos recusamos a pagar", explica Sarita. Ela acrescentou que o SBT está procurando fazer um acordo com o médico, "muito querido pela Aracy, que simpatizou com ele". Sara acredita que a afilhada de Aracy de Almeida tenha sido precipitada ao denunciar o SBT. "Até mesmo a cama de hospital e a cadeira de rodas já tinham sido providenciadas, mas ela acabou comprando antes", concluiu.

## Não faltou assistência

SÃO PAULO (Sucursal) - Por não se dar bem no hotel onde estava hospedada em São Paulo, a secretária e empresária de Aracy de Almeida, Adelaide, levou a cantora e jurada para o Rio, o que fez o estado clínico de Aracy piorar e provocar o seu internamento na UTI do hospital Semeg. A informação é do médico da SBT, Dr. Laureano Ventura Bandeira. Segundo ele, foi no Semeg que a Adelaide conheceu o neurologista Eduardo "o único com quem não brigou no hospital" e passou a consultá-la para todas as decisões sobre Aracy. Ocorre que Eduardo brigou com o proprietário do Semeg, hospital conveniado com o Clam, empresa de assistência médica de propriedade do grupo Sílvio Santos e foi demitido, explicou o Dr. Laureano. Eduardo quis montar uma UTI na casa de Aracy e chegou

a procurar o assistente financeiro do SBT, Clóvis Amarelinho, com uma relação de aparelhos a serem comprados. O Clam tem convênios com diversos hospitais do Rio que possuem médicos de todas as especialidades necessárias ao caso de Aracy e detalhou: a cantora sofre de deficiência respiratória, cardíaca e diabética e se ela não está bem deve ser novamente internada. Tanto Amarelinho quanto Laureano afirmaram que Aracy continua recebendo os seus salários e até mesmo seus cachês, apesar de não estar participando dos *Shows de Calouros*. A emissora possui todos os recibos assinados por Adelaide e também recibo de todas as despesas hospitalares, Amarelinho acredita que Adelaide não quer mais permanecer em hospitais e por isso tem tido esses estranhos comportamentos.

Derrame cerebral, Aracy de Almeida (cantora)

*cantora e jurada de Show de Calouros*

o dia  
2/6/



REPÚBLICA DE GUINÉ-BISSAU  
11)

# 61 Hermínio tenta reabilitar Aracy

DA REPORTAGEM LOCAL

Como uma das maiores cantoras da história da música popular brasileira pôde soterrar sua história embaixo de uma figura ranzinza que esculhambava calouros desafiados no programa dominical de Silvio Santos? A pergunta ainda está por ser respondida, mas a artista Aracy de Almeida volta lentamente a ser lembrada, no ano em que completaria 90 anos.

O amigo e incentivador Hermínio Bello de Carvalho lança de pois de amanhã, no Rio, no dia em que completa 70 anos, o perfil “Araca - Arquiduquesa do Encantado” (ed. Folha Seca, 85 págs.). Não esgota o mistério de Aracy, mas define seu objetivo: “O enfoque do livro é chamar atenção de que esse lado que ficou oculto foi o principal dela. Ela deu novos rumos à canção brasileira em certo momento.”

Na intimidade, a rabugenta folclórica lia Augusto dos Anjos e convivia com Vinícius de Moraes e Antonio Maria. A “culpa” pela trajetória, para Hermínio, foi do “sistema”: “Ela passou a ser ignorada como cantora. Cedeu, foi cooptada pelo sistema.” Ele não é o único a tentar reabilitar a imagem da intérprete que nos anos 30 e 40 incorporou as artes sofisticadas de Noel, Custódio Mesquita e Ary Barroso.

Rita Lee faz o mesmo em “Balcobaco” (termo do vocabulário iconoclasta de “Araca”). Seu show, em cartaz em São Paulo, começa com fâlas de Chacrinha e Silvio Santos e emenda com “Fita Amarela”, na voz de Aracy. Adiante, Rita se veste de Chacrinha, soldando numa só as personalidades duplas de Aracy, Rita Lee e Chacrinha. Viva voz do morto, Aracy agradece-lá do éter. (PEDRO ALEXANDRE SAMCHES)

o Beldade souo mura dos muros barbera dos belos de muros bopem hortalura